

Vitória Vazia

3 JUN 1988

Encherrou-se o ocioso ciclo da discussão e votação do mandato do presidente José Sarney. É matéria-prima exclusiva para a história marginal da transição do regime, porque destituída de substância política. Não passou de exercício do poder mediante troca de favores por votos. Não resultou em qualquer aperfeiçoamento político. Pelo contrário.

O resultado da votação correspondeu aos cálculos secretos e públicos do governo. Não é por acaso que, somente por duas vezes, as presenças registraram comparecimento recorde na Constituinte: a primeira para definir o mandato presidencial e a segunda para fixar o mandato de transição pela mesma medida. Não era questão essencial nem de princípio.

O presidente Sarney obteve o que queria: o quinto ano para tentar o que não foi capaz de fazer nos três transcorridos. Este, que é o quarto, foi consumido pela mobilização e, daqui por diante, será por conta da comemoração. Mais do que a disposição de fazer, que pressupõe convicção, este governo só demonstrou zelo em provar que tem autoridade para obter votos de constituintes a seu favor. A definição do mandato acabou sendo questão pessoal e capricho político.

Nenhum compromisso resultou da vitória que começou a ser comemorada antes. O governo foi incapaz de acenar com um projeto mesmo na medida de quem apenas deu a entender que seria diferente por um ano e meio. É difícil acreditar. Mais do que empenhar a palavra e comprometer-se com um programa viável, ainda que modesto, o presidente Sarney continua enamorado da popularidade de que se cercou com o congelamento dos preços no lançamento do plano cruzado — até se derreter a ilusão.

Só o empenho em recuperar a perdida popularidade moveu até agora o governo Sarney. O último lance do fictício leilão foi o anúncio presidencial, esta semana, da descoberta de um lençol de petróleo suficiente para esconder o imenso vazio do governo.

Em menos de 48 horas, a encenação se evaporou por falta de confirmação técnica do jorro de retórica em Brasília. O ministro das Minas e Energia restaurou

como *indício* promissor o que foi apregoado como uma ocorrência capaz de mudar o destino econômico do Brasil. O lance ufanista, com os adornos nacionalistas, era dispensável para conseguir votos em favor dos cinco anos. Tudo já estava conversado, e o presidente da República não sai do episódio melhor do que entrou. O mercado de ações não acreditou. A opinião pública também não. Nem o governo.

A nação continua paralisada. A inflação esvaziou a iniciativa econômica em meio aos indícios de recessão. O governo deixou de falar no déficit público, como se a disposição de ignorá-lo fosse capaz de reduzi-lo aos 4% do PIB. O presidente apresenta como vitória contra o pessimismo uma taxa de inflação que em maio continuou do mesmo tamanho.

Os brasileiros só estavam e estão interessados numa ação coordenada que lhes permitisse dizer que há governo. Nem que fosse no ano e meio que falta para se encerrar o mandato de cinco anos. A nação gostaria de sentir a presença de governo, e não apenas na sobrecarga tributária. Que tem a anunciar o governo Sarney? Quando concluir as comemorações, pretende cortar despesas? Vai prestar contas das mordomias que mantém, acima da austeridade prometida, a corte burocrática na capital da República?

A nação não mereceu sequer a consideração de uma palavra que pudesse ser entendida como compromisso por parte do presidente. Os cidadãos sentem-se condenados a verificar em silêncio que o país continuará paralisado. Se externarem o que sofrem, serão rotulados de pessimistas e derrotistas na retórica radiofônica oficial.

Começa hoje a contagem regressiva de um governo que não correspondeu às expectativas geradas pela transição. Prolonga-se a transição, não porque o tempo seja pouco para completar o que não começou, mas pela razão oposta: o governo não conseguiu começar. Em vez de se abreviar, amplia-se a transição pela falta dos resultados que deveriam encortá-la — e cujo prêmio seria a legitimidade, que não virá senão por via das urnas.